

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS– UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA
APRENDIZAGEM INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE –
UNISINOS**

CARLA TARANTA TEZOLIN BARION

**SOBRE SER UMA ESCOLA DO SÉCULO XXI – DIÁLOGO (EM)
ABERTO COM PROFESSORAS DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

SÃO LEOPOLDO

2018

CARLA TARANTA TEZOLIN BARION

**SOBRE SER UMA ESCOLA DO SÉCULO XXI – DIÁLOGO (EM)
ABERTO COM PROFESSORAS DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Especialização em educação jesuítica: aprendizagem integral, sujeito e contemporaneidade, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa.Dr^a Daianny Madalena Costa

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Profa. Dra. Daianny Costa por toda sabedoria e dedicação a mim transmitidas, criando o encantamento pelo aprendizado e principalmente pelo trabalho desenvolvido.

A todos os colegas e professores que transformaram o que poderia ser apenas mais um curso, em horas e dias de saber prazeroso.

Ao Colégio São Luís pelo incentivo e apoio ao meu enriquecimento profissional.

“Se queremos progredir, não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova” (GHANDI)

RESUMO

Este trabalho de pesquisa aborda como as práticas educacionais ativas, que consideram o estudante o protagonista do seu próprio conhecimento, podem auxiliar no processo de aprendizagem visando o sujeito na Contemporaneidade. Encontra-se também alguns conceitos de práticas pedagógicas inovadoras e fundamentos teóricos, como o processo de aprendizagem que apóia a pesquisa abordada. Para uma melhor compreensão dos conceitos, desenvolvi este estudo através de um diálogo aberto com professoras do primeiro ano do ensino fundamental, que comentaram suas experiências e vivências com propostas inovadoras para a sala de aula. A partir da compilação de teoria e prática, noto que as práticas inovadoras trouxeram sentido, curiosidade, motivação, empoderamento e prazer aos estudantes, demonstrando como esses aspectos fortalecidos e bem trabalhados podem ser um grande facilitador para um processo de aprendizagem.

ABSTRACT

This research material presents how active educational practices, which consider students as protagonists of their own knowledge, can help the learning process of contemporaneity of them. There are also some concepts of innovative pedagogical practices and theoretical foundations, such as the learning process that supports the research. For a better understanding of the concepts, I developed this study through an open dialogue with teachers of the first year of elementary school who commented their experiences and innovative proposals for the classroom. According to theory and practice, I have noticed that innovative practices have brought meaning, curiosity, motivation, empowerment, and pleasure to students, demonstrating how these strengthened aspects can be a great facilitator for a learning process.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 OBJETIVO GERAL	9
1.1.2 OBJETIVO ESPECÍFICO	10
2. RELEVÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO	10
3. INDICAÇÕES DE REFERENCIAL CONCEITUAL	12
4. SUJEITO DO SÉCULO XXI	15
4.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS	17
5. INDICAÇÕES METODOLÓGICAS	24
5.1 CONTEXTO DA PESQUISA	24
5.2 ESCOLHAS METODOLÓGICAS	26
5.2.1 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	26
6. ANÁLISE DE DADOS	27
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
8. REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICAS	37

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem a intenção de refletir sobre a implementação de propostas que envolvam os estudantes como os protagonistas de seus próprios conhecimentos, experiências, ações e aprendizagens. Afinal, em minha trajetória profissional pude observar o quanto a sala de aula é o meio do caminho para a construção de jovens, preparados para agir em um mundo em constante transformação e a serviço do bem comum. Há 16 anos como professora da educação infantil e fundamental I, revisitar a prática é fundamental para o crescimento profissional e assim, galgarmos novos aprendizados e conhecimentos. Como dizia Freire (1980), somos seres inacabados, há sempre novos erros a cometer e novas lições a aprender.

Em pleno século XXI – um dos principais desafios da educação é entender as diferenças no perfil intelectual dos alunos e utilizar ideias e estratégias que favoreça seu desenvolvimento. Dessa forma, no contexto escolar é importante oferecermos aos educandos oportunidades de explorar e realizar atividades diversas, de maneira que estas possam interferir e estimular o desenvolvimento integral. Outras discussões na área da educação é a reformulação do modelo de ensino tradicional, onde o padrão de aulas expositivas e salas com carteiras enfileiradas já não atendem mais as necessidades dessa nova geração. O ensino de alguns anos atrás apresentava na sua essência a ideia de que os educandos aprendem por repetição e memorização de conteúdo. Considerava o aluno um ser vago, sem qualquer conhecimento.

Alguns teóricos como Dewey (1950), Freire (2009), Rogers (1973), Novak (1999), e outros, apontam a necessidade de repensar essa ideia do aluno como ser “vazio” e superar o modelo de ensino tradicional. Segundo Piaget (1973), a concepção do conhecimento diz respeito ao sentido próprio atribuído a palavra “conhecer”: organizar, estruturar e explicar o mundo – incluindo o meio físico, os valores, as ideias, as relações humanas, a cultura de um modo mais amplo – a partir do vivido e experimentado.

Os documentos oficiais também já mostram a necessidade de uma mudança na forma: a educação deverá se inserir dentro de uma concepção voltada para a construção do conhecimento elaborado pela própria criança.

Nesse contexto, o papel do professor é favorecer o desenvolvimento progressivo dos educandos baseado em experiências concretas, reconhecer as diversas situações do contexto escolar como uma oportunidade de aprendizagem, suscitar perguntas, formular desafios, propor atividades lúdicas que possibilitem, de fato, uma aprendizagem significativa para o aluno, conforme apontam Freire (1980), Piaget (1952), Ausubel (1976) e Vygostky (1989). Ou seja, uma aprendizagem que estabeleça uma relação entre a nova informação e aquilo que o aluno já sabe. Considerando que cada aluno é único e se desenvolve de forma diferente uma da outra.

A partir dessa breve reflexão, a instituição na qual eu trabalho, desde 2015, passa por um grande período de renovação, baseada em teorias, metodologias, estudos, estratégias, reorganização institucional e até mesmo, a mudança de espaço físico, que propiciará um ambiente integrado e cuidadosamente elaborado para a renovação e reestruturação da instituição. No PEC^{1 1}, um caminho de renovação, capaz de responder com responsabilidade, inovação e fidelidade aos desafios educativos hodiernos, faz-se necessário diante do cenário complexo em que vivemos.

Baseado nesse contexto, o presente trabalho apresenta um diálogo aberto com as professoras do 1º ano (2018), com o propósito, de refletir as práticas realizadas em sala de aula e as teorias inovadoras estudadas e aprofundadas durante todo processo de renovação, iniciado em 2016, em um colégio privado, localizado em São Paulo.

1.1 OBJETIVO GERAL

Diante do problema citado, o trabalho tem como objetivo analisar as práticas utilizadas pelas professoras do 1º ano do colégio, assim como, a conexão entre a teoria e a prática.

¹PEC, Projeto Educativo Comum (desde 2016, a Rede Jesuítica de Educação lançou diretrizes para o apostolado da educação jesuítica no Brasil, reunidas em um documento denominado Projeto Educativo Comum - PEC

1.1.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Compreender a necessidade constante de atualização, renovação e embasamento teórico para profissionais na área da educação, a fim de promover melhorias e avanços em relação à nova realidade. Desta forma, produzir uma reflexão que seja capaz de analisar as mudanças necessárias nas práticas educacionais das escolas do século XXI.

2. RELEVÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO

O mundo está em constantes mudanças- política, econômica, social, cultural, ambiental e tecnológica. A inovação está cada vez mais acelerada e as futuras transformações serão muito mais rápidas que as ocorridas no passado. Para Heráclito, filósofo nascido em Éfeso por volta de 540 a.C., tudo que existe está em transformação, sua frase mais conhecida é: “nada é permanente, exceto a mudança”. Descrever um futuro que passa por uma grande ruptura é um desafio “Nada será como antes, amanhã”, canta Milton Nascimento, o incrível mundo novo já chegou, e está cada vez mais leve e portáteis, vista dos avanços tecnológicos, conexões, aplicativos e realidades virtuais, cada vez mais disponíveis em nossas mãos. Todas as informações serão cada vez mais fáceis de acessar, os métodos de ensino serão compartilhados com simplicidade. É sabido que há revoluções nos softwares de aprendizagem, aplicativos desenvolvidos a todo instante, laboratórios móveis e a mídia social cria comunidade de pessoas que nunca se viram e compartilham ideias, sentimentos e informações.

O planeta está em transição: a revolução tecnológica, a mudança climática e a aceleração do tempo mudarão a forma como vivemos. Esse desafio será para todos os países do mundo, porém na educação o Brasil está bem atrasado em relação a muitos outros países. Somente no final do ano de 2014, o Brasil buscou a universalização do Ensino Fundamental e as missões a serem enfrentadas são muitas: ampliar horizontes, melhorar a qualidade de ensino, manter os jovens na escola, qualificar os trabalhadores, ensinar as

mentes para a era tecnológica e científica, a mente está sofrendo uma mutação na passagem de um mundo analógico para digital.

A Unesco (2011), em seu informe sobre a educação, afirma que diante de numerosos desafios do futuro, a educação constitui um instrumento indispensável para que a humanidade possa progredir para os ideais de paz, liberdade e justiça social. A educação tem uma função essencial no desenvolvimento contínuo das pessoas e das sociedades. Desta forma, é necessário refletir as práticas, as teorias, as metodologias e habilidades educacionais (a serem desenvolvidas) aos estudantes dessa geração do século XXI.

Para essa realidade, um modelo formal de ensino, que se baseia em transmissão e memorização dos conteúdos, com o objetivo de construir os conhecimentos através do acúmulo de informações, com a função de formar conhecimentos teóricos depois aplicá-los em sua vida profissional, está em desacordo com a dinâmica da estrutura contemporânea das profissões e da vida na sociedade atual. Rui Fava (Educação para o século 21) fala que o aprendizado passa a ser visto como um processo ativo de dar sentido à informação, aplicando, comparando, analisando, avaliando, descrevendo, debatendo, criticando, contextualizando e transformando a informação recebida. Em síntese, agindo.

Nesse contexto, é preciso repensar: na formação integral e principalmente o sentido dessas aprendizagens aos educandos. Como afirma Larrosa (2004) é “experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma”. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação.

Desta forma, nota-se que superar essa escola tradicional requer um comprometimento de todos os profissionais que nela estão envolvidos. É na utilização de estratégias, espaços, métodos, recursos diversificados e organização dos tempos, que a escola assegura o desenvolvimento de seus alunos. Assim, esse trabalho se afirma como uma proposição de relacionar os embasamentos teóricos e as estratégias didáticas, vivenciadas pelos alunos do 1º ano, a partir dos destaques e das percepções dos professores.

3. INDICAÇÕES DE REFERENCIAIS CONCEITUAIS

Baseado na amplitude deste novo cenário, o ministério da educação, a escola e o professor devem buscar seu constante aprendizado, e pensar na educação como uma inter-relação coletiva e dialógica, ou seja, uma educação estimulada a aprender conjuntamente, no qual os envolvidos no processo transformam-se em grupo que relaciona de forma solidária e interativa.

O professor, ao se reconhecer como um ser inacabado e que está em constante processo de aprendizado (GADOTTI, 2005), sabe que sua aprendizagem não é encerrada com sua formação inicial.

Sendo assim, ao falar em formação de educadores, fica claro que inicialmente, pensamos em rever nossas práticas, visando, recriá-la, melhorá-la e até mesmo reinventá-la, frente a nossa realidade. Como cita Gadotti (2005, p. 31):

A formação do profissional da educação está diretamente relacionada ao enfoque, à perspectiva, a concepção mesma que se tem da sua formação e de suas funções atuais. Para nós, a formação continuada do professor deve ser concebida como reflexão, pesquisa, ação, descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção teórica e não como mera aprendizagem de novas técnicas, atualização em novas receitas pedagógicas ou aprendizagem das últimas inovações tecnológicas.

Em seus escritos, Paulo Freire (2005) reflete sobre nossa incompletude enquanto seres humanos. Somos seres inacabados, em constante processo de busca, processo este que requer o diálogo e a reflexão para que possamos constantemente nos interrogar sobre nossa prática e convocados ao processo de mudança e renovação. Ao relatar essa importância, Freire destaca que:

[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (FREIRE, 2005, p. 39).

Ao observarem suas práticas, os educadores conseguem ver o contexto e seus educandos. Com isso, Freire nos diz que os processos de formação inicial e continuada de professores devem, olhar para as diferentes realidades das quais as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos de nossa sociedade estão submetidos, apontando ainda para a impossibilidade de uma prática voltada aos valores humanos, que permita o ser mais do educando, caso estas realidades não sejam reconhecidas.

A formação dos professores e das professoras devia insistir na constituição deste saber necessário e que me faz certo dessa coisa óbvia, que é a importância inegável que tem sobre nós o contorno ecológico, social e econômico em que vivemos. [...] Preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornar - me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela. (FREIRE, 2005, p. 137)

Para que esses caminhos dos educandos sejam construídos é importante percebemos que o mundo está em constantes transformações – social, histórica e cultural - e desta forma, apontam muitas possibilidades de aprendermos cada vez mais. Assim, Arroyo 2004, p.46, cita:

Educar educadores deve-ser mais do que dominar técnicas, métodos e teorias, é manter-se numa escuta sempre renovada porque essa leitura nunca está acabada [...] Um saber pedagógico para ser vivido mais do que transmitido. Aprendido num diálogo atento, em primeiro lugar, com os diversos aprendizados, com o próprio percurso de nossa formação, e com os percursos daqueles com os quais temos o privilégio de conviver mais de perto [...] (ARROYO, 2004, p. 46)

Devemos ressaltar que além das mudanças políticas, culturais, sociais e históricas, nós professores lidamos diretamente com os alunos, ou seja, com seres humanos, que constantemente se constroem e se adaptam às novas realidades.

[...]a educação deveria mostrar e ilustrar o Destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. (MORIN, 2001, p.61).

Sendo assim, a busca por formação permanente e o comprometimento por sua atividade docente, vai ao encontro da complexidade humana, citada por Morin (2001). Assim, a formação do educador precisa ser reconstituída e aprimorada constantemente. Devemos repensar que na vida as pessoas precisam aprender ao longo de sua trajetória, ou seja, a escola não terá mais fim, as mudanças em todas as áreas exigirão a nova atitude de aprendizado permanente. Para isso:

O que é preciso não é exatamente esvaziar a lógica disciplinar dos programas de formação para o ensino, mas pelo menos abrir um espaço maior para uma lógica de formação profissional que reconheça os alunos como sujeitos do conhecimento e não simplesmente como espíritos virgens aos quais nos limitamos a fornecer conhecimentos disciplinares e informações procedimentais, sem realizar um trabalho profundo relativo às crenças e expectativas cognitivas, sociais e afetivas através dos quais os futuros professores recebem e processam estes conhecimentos e informações. [...] essa lógica profissional [...] deve proceder por meio de um enfoque reflexivo, levando em conta os condicionantes reais do trabalho docente e as estratégias utilizadas para eliminar esses condicionantes na ação. (TARDIF, 2002, p.242).

Desta forma, é essencial o estudo de experiências em algumas instituições, metodologias, possibilidades e modelos que dialoguem com a nossa realidade, ou seja, com o nosso dia-a-dia escolar.

Para esse novo contexto, os profissionais deverão saber pensar, sentir, agir, decidir e escolher. As escolas precisarão adequar em seu sistema acadêmico estratégias para desenvolver a criatividade, a inovação, propostas que levem ao desenvolvimento de competências e habilidades que preparam os estudantes para esse novo mercado de trabalho e sociedade. Diante do exposto, os beneficiários dessa nova “reconstrução” de educação não são somente os alunos e sim, uma sociedade toda. Uma vez que, essa “nova educação” possibilitará a formação de pessoas *criativas, competentes, conscientes, compassivos e comprometidos* (PEC – Projeto Educativo Comum) para essa realidade.

4. SUJEITO DO SÉCULO XXI

A criança do século XX era menos solta e mais ingênua. As brincadeiras geralmente eram simples e não tinham muita sofisticação. A tecnologia não dominava o mundo e a realidade era basicamente a inocência de suas brincadeiras e as histórias contadas por seus antepassados. Praticamente não existiam tantas motivações e diversidade nos produtos, programas, festas e brinquedos. Com a mudança do século, vive-se um mundo muito diferente. As crianças de hoje manifestam opiniões, vontades, questionam, discordam, possuem um amplo vocabulário e verbalizam suas necessidades. Não se trata de achar que as crianças de antigamente eram melhores ou piores que as crianças de hoje, o fato é que o mundo mudou. Os hábitos, as dinâmicas, a rotina, as famílias e a maneira e recursos para ensiná-los mudaram. A sociedade de agora se rege por caminhos diversificados, buscando acertar na formação e educação de uma criança. Assim, o mundo exige atualização de seus paradigmas e as formas para educar em pleno século XXI.

Para as gerações passadas, o contexto familiar também era outro, ou seja, as crianças moravam em casas, com seus pais e geralmente com a disponibilidade de um deles para os cuidados necessários dos seus dia a dia. Hoje, aumenta-se os números de divórcios e praticamente ambos trabalham fora, diminuindo o tempo disponível e terceirizando os cuidados de seus filhos. Segundo Salles “ hoje a identidade da criança e do adolescente é construída pela existência de uma indústria da informação, de bens culturais, de lazer e de consumo onde a ênfase está no presente, no aqui e no agora, no cotidiano e na busca do prazer imediato.” Desta forma, as regras não se aplicam de forma universal, cada criança é única, com personalidade e opiniões próprias e que devem ser levadas em consideração.

Nesse contexto, o protagonismo infantil é um tema em alta em todos os âmbitos da educação e por isso, se encaixa na configuração de vida das famílias e crianças do século XXI.

Como cita, Larrosa (2004), a experiência é algo que nos passa, toca e acontece. Diz o autor que nunca se passaram tantas coisas conosco, mas a experiência é cada vez mais rara: por excesso de opinião, por falta de tempo, pelo excesso de informação e por excesso de trabalho.

A realidade deve ser o ponto de partida, pois a produção simbólica que os educandos fazem e que marcam sua identidade cultural precisa ser legitimada nos contextos educacionais, que insistem em fragmentar cada vez mais “os saberes da vida” e os “saberes da escola”, sendo estes últimos, geralmente, caracterizados como um conhecimento fixo, rigoroso e imposto como superior. Vale lembrar que, ainda existe um grande distanciamento entre o que se faz na escola e o que se vive na realidade.

Desde a segunda metade do século XX, quando as instituições de Ensino Superior foram convocadas a colocar em análise seus métodos, técnicas e concepções de ensino, cresce a preocupação com os processos de ensino e de aprendizagem. Torna-se necessário um novo modelo de ensinar fugindo da metodologia usualmente utilizada, que tem o professor como o centro e o aluno apenas como mero espectador da aula. A partir de uma nova perspectiva para o ensino em sala de aula, os alunos terão acesso ao aprendizado, que não se restringe apenas no ambiente escolar e que não seja monótono, mas que contextualize com o ambiente social.

Vivemos em tempos de muita tecnologia. Uma das características dessa era é a desmaterialização. Há uma diminuição absoluta da parte de material utilizado, como por exemplo: os softwares podem ser desenvolvidos, produzidos, adquiridos, distribuídos, consumidos e descartados, sem necessariamente envolver a criação de novas formas materiais, Lastre e colaboradores (2002). Essa sociedade tem, então, uma face virtual que nem sempre é entendida pela escola e seus professores. Os alunos de hoje, já nasceram em ambientes informatizados, com computadores, celulares, redes sociais, web, internet e vídeos, sendo considerados, como nativos digitais.

Ocorre que os alunos estão em contato com o mundo e podem verificar que a sociedade está em evolução, e que há outros sistemas e formas de aprendizado. Para Freire (2013), o sistema tradicional pode ser considerado como sendo da Educação Bancária, em que o aluno é considerado um pote vazio que tem que ser preenchido pelo professor. Moreira (2010) considera que para melhorar o ensino e o aprendizado nas escolas, torna-se necessário deixar para trás o modelo tradicional e buscar novos modelos que levem os alunos a alcançar a autonomia.

Uma das formas de atualizar ou trazer novas possibilidades de sucesso, mais adequadas aos tempos atuais, está na forma de trabalho pedagógico na escola, que faça com que o aluno seja o responsável pelo seu aprendizado. Na atualidade, é preciso que o estudante se sinta desafiado por meio de objetivos possíveis de se alcançar, que ele possa experimentar, buscar o saber de modo autônomo e possa apresentar o resultado da sua própria investigação.

A educação no Brasil, empreendeu a expansão quantitativa da escola. Mais do que ter escolas, o relevante é a qualidade do ensino que é oferecido nessas instituições. De com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN – BRASIL, 1996) a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho - LDBEN (BRASIL, 1996). Estes devem se sentir confiantes quando estão em sala de aula, precisam ser estimulados para que consigam pensar, aprender a solucionar situações do seu cotidiano, adquirir autonomia e prepará-los para conviver em sociedade. Segundo o PEC, em seu art. 26, a proposta pedagógica dos colégios jesuítas está centrada na formação da pessoa toda e para a toda a vida, realizar uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e intervir autonomamente na sociedade.

Um grande desafio, no contexto educacional, inserido nessa realidade contemporânea é fazer essa transformação com a adequação entre discurso e prática, afirmando suas crenças perante as famílias, que poderemos caminhar para uma educação de qualidade, conforme proposto no PEC (2016).

4.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS

Quem é esse indivíduo que chega ao curso superior ou engrena no mercado de trabalho? O que ele aprendeu? A obedecer, a memorizar, a seguir ordens. Estará pronto mais um membro da sociedade incapaz de ser livre, de pensar com lógica, de criar ou inventar. Incapaz de sentir, cheio de medo, culpa, insegurança. A realidade é que o mundo vivência uma transição espantosa, ou seja, o ensino se dará por meio de pessoas e das máquinas, o professor passa a ser um orientador do processo e o aluno passa a ser o

centro na aprendizagem, agindo de forma ativa no seu processo de aprendizagem. Para Fava (2016, p.344): “A aprendizagem somente acontecerá se “o que” e “como” se ensina, emocionar, comover, impressionar; se o conhecimento expressar sentido para o aprendiz; se ele for co-autor, participar diretamente de sua aprendizagem”.

Conhecer é sinônimo de viver a experiência de existir em plenitude com a consciência dos limites que a história nos impõe, construindo sentidos que fortalecem nosso modo de ser, ao mesmo tempo em que realizamos maneiras diferentes de conhecer e fazer saber (SEVERINO, 2001).

Paulo Freire é considerado um dos pensadores do século XX, sendo referência na abordagem do compromisso com o conhecimento e a transformação da própria prática, apresentando uma reflexão crítica, entendendo a educação como um processo de conhecimento que nos instiga a pensar em sonhos possíveis. Suas contribuições auxiliam no processo de reflexão crítica sobre a prática pedagógica, reforçando a importância de saber dialogar, escutar e respeitar o saber do educando, o qual ele chamava de “saber da experiência feito”, reconhecendo a identidade cultural do outro (HENZ, 2015, p1).

Para o educador,

[...] embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar, é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem dissidência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2011, p. 26).

Em um relatório enviado para a Unesco (7ª edição de 2012) da Comissão internacional sobre a educação para o século XXI, Jacques Delors afirma que “o conhecimento é constituído por aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser”, convidando dessa forma, a uma aprendizagem mútua e permanente ao desenvolvimento de competências que habilitem para a ação, sendo eficaz nesse mundo de instabilidade e incertezas

e principalmente à integridade pessoal para atuar em uma sociedade de maneira ética e humana.

Como Fava (2016) cita “a competência como resultado da união potencializadora dos diferentes aspectos do conhecimento, ou seja, saber, fazer, ser e conviver, aplicados ao contexto da realização”:



FONTE: FAVA, 2016, p 21

Desta forma, a junção dos conteúdos conceituais com os procedimentais produz o saber fazer. A junção dos conteúdos procedimentais com os atitudinais, gera o saber e querer agir. Reunindo os conteúdos atitudinais e conceituais conquistamos o saber ser e conviver. Somente a combinação de todos promove o saber fazer e entregar, surgindo assim, uma competência necessária para esse novo contexto de mundo. Outro recurso necessário para os desafios deste novo século é o desenvolvimento de competências que vão além do cognitivo, ou seja, as relações interpessoais, habilidades de expressar pensamentos e ideias e também responder e participar de conversas ou debates com outras pessoas. As relações intrapessoais, também ganham destaque nesse momento de construção e formação do ser humano, ou seja, capacidade de lidar com as emoções, ajustar os comportamentos com o propósito de atingir seus objetivos. Assim, o desenvolvimento da autonomia, reflexão, resolução de conflitos, adaptação, criatividade, iniciativa e responsabilidade, torna-se cada vez mais necessário para pensarmos em um sujeito desenvolvido integralmente e integrador de uma nova sociedade. Desta forma, os professores precisam repensar em estratégias, situações didáticas, práticas que possibilitem a vivência e o desenvolvimento destas competências.

[...] proposta pedagógica dos colégios jesuítas está centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida; trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e intervir autonomamente na sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos. (PEC,2016, p. 37).

Diferente do modelo tradicional, a Metodologia de Aprendizagem Ativa é caracterizada, basicamente, por uma concepção pedagógica centrada no aluno que aprende a aprender, através da mediação de conhecimento (o professor) e se torna protagonista do seu próprio aprendizado. É uma metodologia baseada na Aprendizagem Significativa, que corresponde ao saber que é adquirido à medida que o aluno atribui significado ao que já conhecia ou vivenciou (seu conhecimento prévio).

O conceito de Aprendizagem Significativa foi criado por Ausubel (1976), que identificou no conhecimento prévio de cada aluno (sua estrutura cognitiva) a variante que interfere na sua aprendizagem. Paulo Freire, também ressaltou o conhecimento trazido pelos alunos, reconhecendo ser um considerável elemento motriz para a incorporação de novos saberes (FREIRE, 1974). Desta forma, enquanto a aprendizagem tradicional se ocupa com “o quê” deve ser transmitido e é dependente do método de repetição e memorização dos alunos, a aprendizagem significativa se preocupa com o “como” o aluno vai adquirir o conhecimento e acredita que se aprende fazendo. Estas metodologias trazem em comum, conceitos cognitivos que defendem que um dos principais fatores que impulsionam o desenvolvimento da aprendizagem do aluno é marcado pelo desafio para resolver um problema.

A problematização opõe-se ao ensino tradicional por não operar na lógica da transferência de informações ou conhecimentos, mas em movimentos que criam possibilidades para sua produção ou construção (FREIRE, 2005). Tem por finalidade provocar o surgimento de outras formas de ensinar e aprender, nas quais estudantes e professores são co-participes do processo, estabelecem entre si uma relação dialógica, em que a transferência de informações e a memorização são substituídas pela construção ativa do conhecimento por meio da vivência de situações reais ou simuladas da prática profissional. Pressupõe, então, a indissociabilidade entre produção do conhecimento e seu respectivo campo de práticas. Segundo Cyrino e Toralles-

Pereira (2004), o método dos problemas pode ser usado tanto em um currículo como um todo, quanto em um curso ou disciplina e, até mesmo, no ensino de determinados temas de uma disciplina pois, em sua essência, o que o sustenta é a proposta de “[...] um trabalho criativo do professor que estará preocupado não só com o ‘que’, mas, essencialmente, com o ‘por que’ e o ‘como’ o estudante aprende”, uma proposta que, segundo os autores, promove a construção de “desafios cognitivos permanentes para estudantes e professores” (CYRINO e TORALLES-PEREIRA, 2004, p.24).

Para que cada um seja reconhecido em sua singularidade, é extremamente necessário o processo de escuta. O mesmo ocorre com o reconhecimento e o compartilhamento de saberes e vivências, deve existir um diálogo entre educadores e educando. Segundo Freitas,

Tudo o que posso fazer como uma-pessoa-que-educo, ou melhor, uma-pessoa-que-se-educa através de mim, é colocarme ao seu lado e dialogar com ela. Trocar vivências, afetos e saberes. E, então, partilhar com ela a essência da experiência de uma verdadeira educação: o diálogo (2014, p. 15).

Esse momento de partilha de vivências, saberes, emoções, não se relaciona somente em aprender conteúdos, regras, combinados e rotinas, mas se relaciona com o respeito as opiniões, o saber ouvir, a posição ativa em um diálogo, para que ambos (educador e educando) possam participar e a escuta acontecer de forma concreta. Paulo Freire (2014) aponta como um dos saberes necessários à prática educativa o saber escutar. Assim ele escreve:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precisem falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. [...] O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele (FREIRE, 2005, p. 113).

Partindo dessa realidade atual, escutar, dialogar e problematizar, precisamos valorizar que todos alunos, ao chegarem na escola, trazem consigo suas histórias, conhecimentos, vivências, experiências e toda essa rica

bagagem deve ser levada em consideração. De acordo com Bruner (2006), quando as crianças representam primeiramente sua compreensão, ou lembrança, por meio de ações, elas estão em modo ativo. Cabe ao professor, realizar todo esse processo e desenvolver sua prática pedagógica respeitando seus conhecimentos prévios. Freire (2005) nos ensina que:

Como educador preciso ir “lendo” cada vez melhor a leitura de mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra” (FREIRE, 2005, p.81).

Desta forma, educação, na lógica da formação humana, é ter direito ao conhecimento, ao saber, à cultura e seus significados, à identidade, ao desenvolvimento pleno como seres humanos que somos. Nessa realidade, a ideia de educação tradicional, em que o sujeito recebe uma carga de informações e não as processa, não as contextualiza, não é mais viável. A escola precisa se renovar, respeitando seus princípios, valores e principalmente reconstruindo sua história, pertencentes do mundo e agindo sobre ele. De acordo com Henz,

Entretanto, muitas de nossas escolas foram “esvaziadas” da genteidade dos(as) educandos(as); todos parecem estar ali somente em função da “transmissão dos conhecimentos científicos”; esquecendo que a escola é um lugar de gente (Freire). Lembremos: não nascemos “homens” e ou “mulheres”; precisamos aprender a ser gente. Então, educar é humanizar: é ensinar-aprender a genteidade. Mais do que pelas teorias e conceitos; aprendemos a humanização convivendo, dialogando, cooperando, envolvendo-nos em processos de ensino-aprendizagem em que cada um(a) – educando(a) e educador(a) – possa dizer a sua palavra na inteireza de seu corpo consciente. (HENZ, 2007, p. 161).

O PEC (2016) nos mostra uma educação baseada na justiça, no respeito, na solidariedade, na contemplação e compaixão. A educação jesuíta é instrumento efetivo de formação, fundamentado na fé, na prática da justiça,

no diálogo inter-religioso e no cuidado com o ambiente. É importante promover a aprendizagem de modo que capacite o aluno a perceber o valor do aprendizado ao longo da vida e possibilite o desenvolvimento de talentos individuais e coletivos.

Desta forma, o professor organiza sua ação docente de tal forma que favorece aos estudantes o contato, a apropriação e a reformulação em relação ao conhecimento, atuando sempre de modo a tornar efetiva a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao exercício da autonomia (PEC, 2016).

Partindo desse pressuposto o aluno assume um papel ativo na construção do seu aprendizado, sendo trabalhado de uma maneira mais participativa para aperfeiçoar sua autonomia individual. Conforme Oliveira e Pontes (2013) a metodologia ativa promove a autonomia do estudante e é uma estratégia voltada especialmente para o aluno, assumindo um papel de agente e responsável por sua aprendizagem. As metodologias ativas vão ao encontro da necessidade de autonomia do aluno redescobrir-se (BERBEL,2011).

Para Vickery (2014), a aprendizagem ativa está profundamente preocupada com a busca das crianças por significados e maestria, com o esforço delas de assumir o “controle” de si mesmas e de seu mundo e, assim, conseguir participar plenamente dele. Para Berbel (2011), existem diferentes Metodologias ativas e todas contribuem igualmente com o aprendizado de acordo com a faixa etária e o público alvo nas quais são aplicadas. Assim, cabe aos professores a arte de permitir ao aluno o acesso ao conhecimento, sendo necessário adequar-se a novos métodos, no ambiente escolar ou social.

As técnicas e atividades adotadas pelas metodologias ativas visam desenvolver a curiosidade, a criatividade e o pensamento crítico das crianças, a medida que os estudantes trazem novos enfoques para os problemas propostos, servindo de base para novas argumentações e discussões (VICKERY, 2014). Existem vários métodos de aprendizagem ativa, que se assemelham e geralmente desencadeiam diversas habilidades como: tomada de decisão, análise de dados, busca de informações, capacidade de argumentação, análise reflexiva, a criatividade e cooperação.

Sendo assim, o PEC não quer mais do mesmo. Faz-se necessário superar os modelos lineares pautados somente no ensino. Nesta perspectiva

se busca organizar os espaços e tempos escolares com novas e criativas perspectivas de aprendizagem. É meta, para os próximos anos, colocarmos o aluno no centro do processo educativo, buscando um currículo que faça sentido e dê sabor a suas vidas. Onde a excelência acadêmica seja fruto da construção coletiva do conhecimento, com um currículo integrado e integrador que resulte em vidas transformadas para o bem de uma nova sociedade.

5. INDICAÇÕES METODOLÓGICAS

O presente trabalho aborda uma pesquisa qualitativa, que relaciona as estratégias didáticas utilizadas pelos alunos do 1º ano, com as teorias inovadoras. Trata-se de uma pesquisa realizada com as professoras que trabalham no colégio, no qual, passa por um processo de renovação, iniciado em 2016. Uma vez que, a Companhia de Jesus tem por principal objetivo rever, reposicionar e revitalizar o trabalho na Educação Básica, e assim, inspirar, orientar e direcionar os necessários ajustes e ou qualificações do que já fazem. Uma forma de juntos edificarem uma educação de excelência, capaz de contribuir eficazmente na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária (PEC, 2016).

5.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em um colégio jesuíta, localizado em São Paulo. É próprio da Companhia de Jesus responder aos desafios de cada tempo de forma crítica, consciente e efetiva, empreendendo caminhos com coragem para inovar e renovar. Esta pesquisa será realizada em uma instituição escolar que passa por um grande momento de mudança.

O Colégio, que desde 2015, passa por renovação e até mesmo em uma mudança física, que foi anunciada em março de 2018: a construção de uma nova sede na mesma cidade de São Paulo, mas com um novo projeto pedagógico, tendo como base o PEC, Projeto Educativo Comum (desde 2016, a Rede Jesuíta de Educação lançou diretrizes para o apostolado da educação jesuíta no Brasil, reunidas em um documento denominado Projeto Educativo Comum - PEC).

O colégio em questão, faz parte de uma rede global de colégios jesuítas em 60 países, com a proposta pedagógica centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida por meio de uma aprendizagem integral, levando o integrante a participar e intervir autonomamente na sociedade. O primeiro apontamento do PEC, foi que todas as escolas jesuítas do Brasil realizassem a revisão de sua Proposta Pedagógica e definissem as condições necessárias para a implementação do PEC. Em resposta a essa solicitação, iniciou-se o processo de renovação, com o redirecionamento da gestão, revisão de práticas acadêmicas, revisão dos planos curriculares, capacitação dos professores, elaboração da matriz de competências e habilidades (interpessoais e transversais), organização dos tempos de ensino, aprendizagem e em 2020, chegaremos a uma mudança física e arquitetônica, na qual iniciaremos a implantação do currículo integral, em tempo integral.

Devido o caminho percorrido desde 2015 até o fim de 2018, a formação dos professores tem sido foco de investimento. Os professores participam de grupo de estudos, especializações, cursos, seminários e palestras durante todo esse processo. Baseado nesse momento de mudança e inovação, a pesquisa realizada vai ao encontro de que foi realizado, vivenciado e construído no colégio, até o atual momento, como afirma Ghedin (2011), o pesquisador está sempre a caminho, entre as idas e vindas que o processo exige, mas isso não significa que se está à deriva, sem rumos. Pesquisar é sempre navegar com direção. Desta forma, as escolhas metodológicas da pesquisa, se deram ao aproximar a teoria metodológica abordada e as práticas vivenciadas por alunos do 1º ano de 2018.

Em um diálogo aberto com as professoras do 1º ano, revisitamos a prática e os fundamentos teóricos adquiridos no decorrer desse período, refletimos sobre a pedagogia inovadora, observações relevantes apresentadas, reações dos alunos e uma análise das práticas abordadas com as necessidades da educação de hoje.

5.2 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Segundo Gil (2007), pesquisa é definida como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. Para Mazzotti (1998), consiste basicamente em um plano para uma nova investigação e a busca de uma melhor compreensão de um dado problema.

Para Lakatos (2002), pesquisa é definida como um instrumento fundamental para a resolução de problemas coletivos, o que se confirma por Diehl (2004), para ele, a escolha do método se dará pela natureza do problema, bem como de acordo com o nível de aprofundamento.

Assim, escolhemos o processo de pesquisa qualitativa que pode ser representado como uma trajetória que parte da teoria em direção ao texto, e outra do texto de volta para a teoria.

Esse processo não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. (GOLDENBERG, 1997). A pesquisa qualitativa, trabalha sobretudo, com textos. Métodos para coleta de informações – como entrevistas e observações – produzem dados que são transformados em textos por gravação e transcrição (FLICK, 2002). Sendo assim, é um método de investigação, com o foco no objeto a ser analisado, estudando suas particularidades e experiências individuais.

Partindo desses pressupostos, no presente trabalho, foram abordadas teorias e entrevistas semiestruturadas, através de uma conversa aberta com as professoras do 1º ano do fundamental, a fim de dialogarmos a prática educativa.

5.2.1 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA:

Uma das características da entrevista semiestruturada, é a utilização de um roteiro previamente elaborado. Para Triviños (1987) a entrevista tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e

hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para Manzini (1990/1991), a entrevista está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.

Ambos autores afirmam a necessidade de perguntas básicas e principais para se atingir o objetivo da pesquisa. Desta forma, elaboramos um roteiro para nortear o objetivo da pesquisa:

- Quais as práticas as professoras podem considerar como pedagogia inovadora?

- Quais observações podem-se considerar relevante durante a proposta realizada?

- Quais foram os comportamentos apresentados pelos alunos durante o decorrer das propostas?

- Na opinião das educadoras, as práticas abordadas vão ao encontro das metodologias necessárias para a educação do século XXI?

O diálogo aconteceu durante o mês dezembro de 2018, nas quais as professoras do primeiro ano do ensino fundamental puderam lembrar as práticas abordadas com os alunos e relataram suas vivências, baseadas nas questões acima apresentadas.

6. ANÁLISE DOS DADOS

As professoras do 1º ano do ensino fundamental, foram reunidas em uma sala de aula, do próprio colégio que trabalham, para um diálogo aberto, afim de abordarmos assuntos relacionados as práticas realizadas e o envolvimento dos alunos nas propostas apresentadas.

Segue abaixo, as descrições dos comentários da entrevista semiestruturada:

Em relação: pedagogias inovadoras:

	- Quais as práticas as professoras podem considerar como pedagogia inovadora?
<u>Professora</u> <u>1</u>	Projeto sobre a sustentabilidade. Durante o desenvolvimento do projeto, o grupo utilizou designer Thinking: descoberta, interpretação, ideação, experimentação e evolução. Utilizaram como recursos aparelhos para filmagem, fotografia, áudios, estudos do meio, conversas com especialistas na área de sustentabilidade, trabalhos em grupo e proposta de ação no próprio colégio. Todo o movimento, desde elaboração de hipóteses, busca por soluções, revisão do percurso e recepção aos pais.
<u>Professora</u> <u>2</u>	Aulas divididas por estações (circuitos). O grupo foi dividido em 4 subgrupos, no qual deveriam circular nas estações para realizarem as propostas solicitadas. Dentre as propostas, estavam experimentos de medidas, pesos, quantidade e estimativas. O que mais motivou o grupo foi a realização de experimentos para alcançarem suas respostas. Um faça você mesmo, ou descubra você mesmo.
<u>Professora</u> <u>3</u>	Considero o trabalho com projeto uma prática inovadora. Projeto: redução do uso da água. Notei o entusiasmo e interesse da turma em pesquisar e descobrir respostas para problemas do cotidiano. Foi muito importante trabalhar com um problema dentro da própria escola.
<u>Professora</u> <u>4</u>	Os alunos tiveram a oportunidade de confeccionar a própria composteira da sala, utilizando resíduos dos seus próprios lanches.

<u>Professora</u> <u>5</u>	O projeto realizado: Ambiente seguro. Eles participaram de tudo, desde a elaboração das hipóteses, até a apresentação das propostas para os pais.
-------------------------------	---

Observações relevantes durante as propostas:

	- Quais observações podem-se considerar relevante durante a proposta realizada?
<u>Professora</u> <u>1</u>	Trabalho em grupos e subgrupos para resolução de problemas e criação de jogos com reutilização de materiais. Possibilitou trocas de aprendizagem entre os alunos, respeito, criatividade além de estímulos a práticas sustentáveis.
<u>Professora</u> <u>2</u>	Envolviam a curiosidade, entusiasmo do grupo em jogar ou descobrir as soluções através da experimentação. Propunham o trabalho em grupo, a interação e colaboração entre os alunos.
<u>Professora</u> <u>3</u>	O contato com as famílias e com profissionais despertaram a curiosidade das crianças em buscar respostas, elaborar perguntas, selecionar livros e buscar soluções práticas. Todas as atividades trabalhavam o “movimento” (ida, volta, novidade, retomada) da aprendizagem.
<u>Professora</u> <u>4</u>	Trabalharam em grupo, observaram a decomposição dos materiais e foram ao laboratório verificar a presença de fungos e bactérias. Um tema que instigou várias perguntas e buscas por respostas.
<u>Professora</u> <u>5</u>	O Projeto da turma propôs a aproximação da realidade e contexto escolar.

Baseado nos relatos apresentados, o trabalho colaborativo, a interação e cooperação, são habilidades esperadas e fundamentais para os futuros profissionais do século XXI. Na formação de grupos de estudos e também de trabalhos colaborativos, o que se busca é uma parceria entre os indivíduos participantes que vá além da simples soma de mãos para a execução de um trabalho. Na colaboração, há a soma das mentes dos envolvidos (MORRIS, 1997).

Contudo, pode-se dizer que a aprendizagem colaborativa é muito mais que uma técnica de sala de aula, é “uma maneira de lidar com as pessoas que respeita e destaca as habilidades e contribuições individuais de cada membro do grupo.” (PANITZ, 1996). Todos compartilham criatividade, papéis, responsabilidades e autoridade, assim o aluno possui um papel mais ativo na condução do processo. Ainda este autor afirma que: “Os praticantes da Aprendizagem Colaborativa aplicam essa filosofia na sala de aula, nas reuniões de comitê, com grupos comunitários, dentro de suas famílias e geralmente como um modo de viver e lidar com outras pessoas.” (PANITZ, 1996, p. 1)

Assim, as propostas ganham relevância para a criança quando são planejadas e executadas em conjunto. Proporcionaram, não apenas o entusiasmo para participar, mas construir um pensamento crítico e observador, despertando interesses, pesquisas, levantamento de hipóteses e o respeito com o outro. Tudo isso somado à criatividade e ao prazer de produzir conhecimentos. Desta forma, para caracterizarmos uma pessoa criativa temos quatro eixos fundamentais: o ser, o saber, o fazer e o querer, como citado pela UNESCO (2012), os quatro pilares da educação.

Comportamentos apresentados pelos alunos:

- Quais foram os comportamentos apresentados pelos alunos durante o decorrer das propostas?	
<u>Professora</u>	Trocas de aprendizagem entre os alunos, respeito, criatividade

<u>1</u>	além de estímulos a práticas sustentáveis. Pra eles fazia sentido o que eles estavam fazendo. Como se fossem os autores de tudo!
<u>Professora</u> <u>2</u>	Os alunos trabalharam de forma colaborativa. Buscaram diversas estratégias para realizar a proposta solicitada, levantaram hipóteses, buscaram por soluções e conclusões. Teve muito movimento durante as propostas, e eles sentiam instigados a resolverem as propostas. Conversavam entre eles e respeitavam as opiniões do grupo.
<u>Professora</u> <u>3</u>	As crianças levantaram hipóteses, pesquisaram, testaram e concluíram. Foram realmente eles que construíram as propostas e todo o processo do projeto. Se sentiram pertencentes ao que foi elaborado.
<u>Professora</u> <u>4</u>	Ah, eles puderam acompanhar, experimentar e buscar respostas para tudo que eles realmente queriam saber. Foi um crescimento meu e do grupo.
<u>Professora</u> <u>5</u>	Acredito que o envolvimento e a participação de todos foi o que mais me chamou a atenção. Todos os dias eles queriam falar sobre o projeto, fazer pesquisas e montar “estratégias” para melhorar o colégio.

Ao meu ver, as palavras: “respeito, criatividade, colaboração, sentido, busca por soluções, hipóteses, pesquisas, experimentar, participação e envolvimento”, apresentadas nos relatos das professoras podem nos mostrar o quanto a prática foi significativa e foram ao encontro das metodologias ativas. Esses momentos de partilhas de vivências, saberes, emoções, não se relacionam somente aprender conteúdos, regras, combinados e rotinas, mas se

relaciona com o respeito às opiniões, o saber ouvir, a posição ativa em um diálogo, para que ambos (educador e educando) possam participar.

Dewey, em sua obra *Democracia e educação* (1916), afirma que a experiência é, primariamente, uma ação ativo-passiva; não é, primariamente cognitiva. Mas a medida ou continuidade de uma experiência reside na percepção das relações ou continuidades a que nos conduz. Ela inclui a cognição na proporção em que seja cumulativa ou conduza a alguma coisa ou tenha significação (DEWEY, 1979, p. 153). O autor considera muito importante a questão da experiência na aprendizagem e afirma: “Uma onça de experiência vale mais que uma tonelada de teorias simplesmente porque é só pela experiência que qualquer teoria tem importância vital e verificável”. (1979, p. 158)

Nos escritos de Dewey também continham a ideia de integração entre aprendizagem ativa e experiência. Além da experiência de aprendizagem, a experiência comunitária era, para ele, o centro da educação, incluindo-se a escola, a família, o partido político e todos os componentes de uma sociedade. Assim, experiências dentro da escola representariam somente uma parte da educação, sendo a outra parte suprida pela sociedade na forma de artes, divertimento e recreação. Para Dewey, a ação, dentro e fora da escola, era uma parte integral da educação, visto que a educação é um processo ativo e interativo.

É imprescindível também que a aprendizagem faça sentido ao aluno. Para isso, é importante que o estudante perceba uma ligação entre o conteúdo educacional e suas experiências pessoais, ou seja, entre o que é novo e o que é familiar. Descobrir essa conexão exerce grande influência sobre o interesse em aprender e alcançar objetivos.

Segundo o psicólogo David Ausubel (1976), no processo do ensino, a aprendizagem significativa necessita fazer sentido para o aluno. Através dos conhecimentos prévios dos estudantes, a nova informação deverá interagir e ancorar-se nesses conhecimentos.

Para Vickery (2014), a aprendizagem ativa está profundamente preocupada com a busca das crianças por significados e maestria, com o esforço delas de assumir o controle de si mesmas e de seu mundo e, assim, conseguir participar plenamente dele.

Conforme Oliveira e Pontes (2013) a metodologia ativa promove a autonomia do estudante e é uma estratégia voltada especialmente para o aluno, assumindo um papel de agente e responsável por sua aprendizagem. As metodologias ativas vão ao encontro da necessidade de autonomia do aluno redescobrir-se (BERBEL, 2011). Para Vygotsky (1978), todo o desenvolvimento e aprendizagem humana é um processo ativo, no qual existem ações propositais mediadas por várias ferramentas (VYGOTSKY, 1978)

Práticas abordadas X metodologias necessárias para a educação do século XXI:

- Na opinião das educadoras, as práticas abordadas, vão ao encontro das metodologias necessárias para a educação do século XXI?	
<u>Professora</u> <u>1</u>	Sim, pois contribui para a formação integral do aluno nos aspectos cognitivos, socioemocionais e atitudinais. Sujeitos questionadores, observadores, colaborativos e que podem vivenciar seus aprendizados pela experimentação.
<u>Professora</u> <u>2</u>	Com certeza. As propostas propiciaram momentos de autonomia, trabalho colaborativo, troca e interação entre pares. Ademais, o Projeto da turma trabalhou um problema atual, pensando na sustentabilidade.
<u>Professora</u> <u>3</u>	Sim porque a proposta propiciou momentos de resolução de problemas, construção de autonomia e o trabalho colaborativo.
<u>Professora</u> <u>4</u>	Claro que sim. As crianças foram ativas, protagonistas de suas próprias curiosidades e reflexões.
<u>Professora</u>	Sim, o grupo estava completamente envolvido. As buscas foram

<u>5</u>	realizadas em livros, tutoriais, internet e até mesmo com profissionais da área. Sou professora há mais de 20 anos e uma proposta desta realmente é muito diferente dos modelos de antigamente. E posso garantir, teve mais sentido para os alunos!
----------	---

Para Rogers (1973), o espaço da aula e do professor não está dado previamente, mas está sendo construído por um conjunto de pessoas autênticas que se comunicam e se relacionam entre si. Afirma que: “Sua principal função é criar uma atmosfera na qual estudantes e professores se sintam livres para novas descobertas” (ROGERS, 1973, p. 43). Segundo o autor “a intenção mais ampla do meu trabalho é o fato de desejar auxiliar o desenvolvimento de nosso mais precioso recurso natural – as mentes e os corações de nossas crianças e jovens. São a sua curiosidade, a sua avidez por aprender, a sua capacidade de efetuar escolhas difíceis e complexas que decidirão o futuro de nosso mundo.” (ROGERS, 1985, p. 9)

Pensando no contexto escolar, teóricos como Telma Weisz (2002) afirmam que as situações de aprendizagem devem permitir que as crianças pensem sobre o conteúdo estudado. Há uma problematização e as crianças devem tomar decisões para resolver os problemas propostos. Além disso, o assunto trabalhado deve manter suas características socioculturais reais para que não se torne um objeto escolar vazio de significado social.

Desta forma, é importante que os alunos enxerguem uma aplicação prática daquilo que está sendo ensinado. E essa aplicação pode acontecer primeiramente em um ambiente menor e conhecido pela criança, como por exemplo, o ambiente escolar.

Sendo assim, o que buscamos é um novo de ser, de pessoa, de jovem. Será que a pessoa que queremos, que amanhã estará decidindo os rumos do mundo, é aquela sem autonomia, sem as condições de se perceber com o outro, sem capacidade de fazer escolha, sem saber nem mesmo quem é, apenas decorando e repetindo fórmulas e estruturas sociais – muitas vezes distorcidas?

Ensinar não é manter a ordem na sala, despejar fatos, fazer exames e dar notas. Ensinar é mais difícil do que aprender,

porque o que o ensino exige é o seguinte: deixar aprender. Permitir que o estudante aprenda alimentando a sua curiosidade. (ROGERS, 1985, p 29)

Não quero reforçar com isso o distanciamento entre ensinar e aprender, pois são elementos combinados, porém, para além de reconhecer que aprendemos ao ensinar e vice e versa, quero pontuar que há, nos objetivos de ensinar algo muito importante: querer aprender, permitir(-se) aprender. Desta forma, a proposta pedagógica dos colégios jesuítas está centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida; trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e intervir autonomamente na sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres conscientes, criativos, competentes, compassivos e comprometidos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação vem passando por mudanças estruturais e funcionais frente às novas tecnologias e as novas metodologias de ensinar-aprender. Atualmente, existem muitos estudos e debates referente o papel da educação no desenvolvimento do país. Mas devemos pensar que, para que isso ocorra, precisamos fazer da educação um instrumento de formação de cidadãos para a sociedade que se espera obter. Isso não significa que um professor faça um aluno cidadão, nós nos fazemos em co-construção.

As escolas do século XXI precisam ter um olhar cauteloso para à dinâmica da sociedade atual, visando a contribuição para a formação do sujeito integral, fortalecendo as dimensões físicas, socioemocionais, afetivas, cognitivas, lúdicas, éticas, estéticas e políticas (PEC). Sendo assim, o educando do século XXI deverá ter voz em relação às suas escolhas, experiências e saberes. Ao educador, caberá a responsabilidade de selecionar e transformar os conhecimentos em ensinamentos, que de verdade, façam sentido à vida do estudante.

Desta forma, são, por meio da utilização de métodos, recursos materiais, estratégias, organização dos tempos e espaços escolares, que a escola propicia o desenvolvimento de seus estudantes. Baseado nesse contexto, o colégio passa por um momento de renovação e ressignificações de suas

práticas educativas, buscando cada vez mais, uma apropriação significativa para essa nova realidade apresentada.

Podemos analisar, através desse estudo, o quanto é importante planejar experiências de aprendizagens que: aproximem as propostas à realidade do aluno, considerem seus conhecimentos, o contexto, identifique estratégias e tecnologias apropriados e conectados as experiências do mundo real.

Ao desenvolver o estudo, pode-se notar a relevância da utilização das metodologias ativas no planejamento didático. Engajar o aluno, é fundamental para que ele construa as etapas de produção e para que, conseqüentemente, esteja no centro da aprendizagem, Bacich (2019). Sendo assim, nos discursos apresentados pelas professoras do 1º ano, a aprendizagem por projetos, fortalece o trabalho em equipe, o envolvimento do grupo e a posição do aluno como o centro de suas aprendizagens e faz com que o professor seja um mediador de saberes e aprendizagens.

Nota-se, que nas propostas realizadas, os educandos puderam desenvolver: a busca por resolução de problemas, o trabalho em grupo, a interação e colaboração entre os alunos, a participação das famílias, a aproximação da realidade e o contexto escolar, o experimentar, o envolvimento, a autonomia e a busca de constantes de pesquisas e saberes apresentados pelo grupo. Assim, todo o desenvolvimento e aprendizagem humana é um processo ativo, levando o educando a desenvolver sua aprendizagem integral, que seja capaz de participar e intervir autonomamente na sociedade (Proposta dos colégios jesuítas). São propostas educativas como estas que são capazes de responder as necessidades deste cenário complexo em que vivemos, na perspectiva de organizar os espaços e tempos escolares com novas e criativas práticas educacionais, que tragam a responsabilidade social, o olhar ao próximo, a sustentabilidade, a justiça e valores humanos. Segundo o PEC (p.12, 2016) “encantando alunos e educadores, na certeza de que isso beneficiará as famílias e constituirá um instrumento apostólico capaz de transformar a sociedade”.

Sobre ser uma escola no século XXI? Os estudos e teorias nos apontam os caminhos, as práticas conversam com as teorias e os resultados deverão permanecer nos educandos, em forma de conhecimentos, de aprendizagens, de cidadania. Cidadão este, preparado para lidar com as mudanças

constantes, sendo competente, consciente, compassivo, criativo e comprometido com o mundo em que vive e com as pessoas que nele habitam.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. 7 ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2004.

AUSUBEL, D.P. (1976). *Psicología educativa: um punto de vista cognoscitivo*. México, Editorial Trillas.

BARBOSA, FE e Moura, DG. Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica. B. Tec. Senac, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48- 67, maio/ago. 2013. Disponível em <http://www.senac.br/media/42471>. Acessado em Dez, 2018.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

CYRINO, EG; TORALLES-PEREIRA, ML, Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. *Cad Saúde Pública*, 20(3):780-788, 2004.

DEWEY, John. *Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição*. São Paulo: Nacional, 1959.

DEWEY, John. *Experiência e educação*. São Paulo: Nacional, 1971.

DEWEY, John. Democracia e educação: introdução à filosofia da educação. São Paulo: Nacional, 1979.

DIEHL, Astor Antonio. Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FAVA, Rui. Educação para o século 21: a era do indivíduo digital. São Paulo: Saraiva, 2016.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 1.ed. São Paulo: Paz&Terra; 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, 21ª Edição- São Paulo. Editora Paz e Terra, 2002.

FREITAS, L.V. e FREITAS C.V. Aprendizagem Cooperativa. Porto: Edições Asa, 2003.

GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo, Cortez, Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GILLIAM, J.H. The impact of cooperative learning and course learning environment factors on learning outcomes and overall excellence in the community college classroom. Raleigh, 2002. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação, North Carolina State University.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação - Jan/Fev/Mar/2004.

LASTERS, Helena. Desafios e oportunidades da era do conhecimento. São Paulo em perspectiva 16(3): 60-66, 2002.

<http://www.scielo.br/pdf/spp/v16n3/13562.pdf> - acessado janeiro-2019

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOREIRA, M.A. e Masini, E.A.F.S. (1982). Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. São Paulo, Editora Moraes. Disponível em http://lief.if.ufrgs.br/pub/cref/pe_Goulart/Material_de_Apoio/Referencial%20Teorico%20-%20Artigos/Aprendizagem%20Significativa.pdf. Acessado em Dez, 2018

MOREIRA, M.A., Caballero, M.C. E Rodríguez, M.L. (orgs.). Aprendizagem Significativa: Um Conceito Subjacente (1997) Actas del Encuentro Internacional sobre El Aprendizaje Significativo. Burgos, España. pp. 19-44. Disponível em <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigsubport.pdf>. Acessado em Dez, 2018.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à uma educação do futuro*. 4 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MORRIS, T. E se Aristóteles dirigisse a General Motors?: a nova alma das organizações. Trad. Ana Beatriz Rodrigues; Priscilla Martins Celeste. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

NOVAK, J.; Gowin D. (1999). Aprender a Aprender, 2ª ed. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

WEISZ, Telma. O Diálogo entre ensino e aprendizagem. São Paulo: Ática, 2002.

OLIVEIRA, M. G.; PONTES, L. Metodologia ativa no processo de aprendizado do conceito de cuidar: um relato de experiência. In: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5889_3479.pdf> Acesso em: 9 Janeiro 2018.

PANITZ, T. A definition of collaborative vs cooperative learning. Disponível em: . Acessado em 9 jan. 2003 SIQUEIRA, L.M.M. A Metodologia de aprendizagem colaborativa no programa de eletricidade no curso de engenharia elétrica. Curitiba, 2003. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

PEC *Projeto Educativo Comum*, Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2016.

PIAGET, J. A Construção do real na criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

PIAGET, A representação do mundo na criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

PIAGET, Biologia e Conhecimento. Petrópolis, Vozes, 1973.

ROGERS, Carl. Tornar-se pessoa. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ROGERS, Carl. ROSENBERG, Rachael. A pessoa como centro. São Paulo: Edusp, 1977.

ROGERS, Carl. Liberdade para aprender. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.

ROGERS, Carl. Sobre o poder pessoal. São Paulo: Martins Fontes, 1986

ROGERS, Carl. Liberdade de aprender em nossa década. Porto Alegre: Artes Médocas, 1985.

SEVERINO, AJ. Metodologia do trabalho científico. 22^a ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, Lew, *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes; 1989.